

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO CAMPO DA LINGUÍSTICA: UMA ANÁLISE DA REPORTAGEM O CAIPIRA DA CAPITAL, PUBLICADA NA REVISTA *LÍNGUA PORTUGUESA*

Sabrina Areias Teixeira (UFV)
sabrinaareias@yahoo.com.br

1. *Introdução*

Tendo em vista que o conhecimento é essencialmente uma prática social, é preciso atentar-se para o fato de não apenas obtê-lo, mas também compartilhá-lo, permitindo assim que mais pessoas tenham acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, que a sociedade se desenvolva.

A partir dessa concepção, é preciso voltar-se para pesquisas que repercutem na aquisição de conhecimento da nossa parte, mas que, às vezes, não são devidamente divulgadas, e grande parte da sociedade acaba excluída desse processo, sem compreender o que é pesquisado nas universidades.

Diante desse contexto, nesse trabalho busquei demonstrar que a aproximação entre a academia e o público leigo pode ser realizada a partir da divulgação científica (DC). A fim de se esclarecer o que vem a ser a DC, apresentam-se informações sobre o tema, demonstrando também o percurso que a DC percorreu no Brasil. Após essa explanação, exemplifica-se, por meio da reportagem “O caipira da capital”, publicada pela revista *Língua Portuguesa*, como a DC é realizada e quais estratégias discursivas mais recorrentes que devem ser levadas em conta nos textos de divulgação. Em seguida, aponto como é possível permitir que nossas pesquisas ultrapassem os limites do mundo acadêmico.

2. *O que é divulgação científica?*

A divulgação científica pode ser definida de maneira sucinta como um processo que se inicia de uma pesquisa realizada ou de algum tema relacionado à ciência e que necessita ser apresentado ao público por meio da linguagem.

Esse discurso da divulgação científica é classificado por Zamboni (2001) como um trabalho de efetiva formulação de um novo discurso. Tal trabalho é executado por um sujeito ativo, que irá escolher entre os

elementos disponíveis na língua, aqueles que melhor respondem ao seu empreendimento enunciativo:

A divulgação científica é entendida, de modo genérico, como uma atividade de difusão, dirigida para fora de seu contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral (ZAMBONI 2001, p. 46).

O fato de a divulgação científica ser voltada para um público geral repercute na modificação do discurso desta. Partindo da concepção de dialogismo difundida por Bakhtin (2006) em que o discurso é dependente daquele a quem será destinado e que, ao ser alterado o lugar do destinatário, é alterada a posição do enunciador, Zamboni (2001) afirma que um dos elementos que mais diferencia as condições de produção da divulgação científica, em relação às condições de produção do discurso científico, está na recepção.

Isso acontece porque, enquanto o cientista escreve para os seus pares realizando o trabalho de disseminação, o divulgador, por sua vez, volta-se para um público leigo, buscando realizar a tarefa de divulgar, partilhar o saber resguardado.

Mas essa transformação de discurso não deve ser entendida como uma simples tradução em que um texto A resultará em A". Essa concepção é criticada por Orlandi (2008), para quem o discurso de divulgação científica não pode ser entendido como uma soma de discurso: ciência mais jornalismo igual divulgação científica ($C+J=DC$). O que ocorre, então, é a constituição de dois discursos na mesma língua, elaborada por meio de uma recontextualização. Para Vieira (1999), jornalista que escreveu um manual com indicações de dicas para se divulgar informações científicas, o texto de DC deve fisgar o leitor, ser agradável, claro e leve, mas nem por isso pode ficar na superficialidade das informações, tem que realmente cumprir a tarefa de divulgar uma informação científica.

De acordo com Zamboni (2001) a DC constitui um gênero particular no conjunto dos demais discursos por possuir condições próprias de produção. Gomes (2007) reafirma esse conceito e considera o discurso de divulgação científica um gênero particular, mas acrescenta que dentro do "gênero da divulgação científica" é possível distinguir outros gêneros ou subgêneros.

Dessa maneira, há diversas formas de divulgação científica, ela pode ser notada por meio de notícias, livros didáticos, aulas de ciências, histórias em quadrinhos, dentre outros gêneros. O essencial é que essa informação busque ser educativa e preencha alguns requisitos, como aponta José Marques de Melo:

Deve promover a popularização do conhecimento que está sendo produzido nas nossas universidades e centros de pesquisa, de modo a contribuir para a superação dos problemas que o povo enfrenta. Deve utilizar uma linguagem capaz de permitir o entendimento das informações pelo leitor comum (MELO, 1982, p. 21).

É importante salientar que a DC é realizada, normalmente, por profissionais da comunicação, mas também pode ser feita pelos próprios pesquisadores e integrantes de outras áreas do saber, desde que esse divulgador saiba utilizar recursos de linguagem adequados para tornar a informação mais inteligível para o interlocutor.

3. Os percursos da divulgação científica no Brasil

No Brasil, as atividades de divulgação científica podem ser consideradas recentes. Segundo Massarani & Moreira (2002), a DC no País tem pelo menos dois séculos de história. As primeiras iniciativas surgiram com a transferência da corte portuguesa, no início do século XIX. Todavia, a DC passou a se estruturar no Brasil apenas em 1916, com a criação da Sociedade Brasileira de Ciência.

Na década de 20 em diante, os veículos de comunicação, como rádio e cinema, começam a ser utilizados para difusão de temas educacionais e científicos. Na literatura, destacou-se na DC Monteiro Lobato com livros infantis em que a ciência possuía destaque, como a série Sítio do Pica-Pau Amarelo. Outro nome importante da DC foi José Reis, que em 1948 também marcou presença na fundação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que até hoje busca contribuir para a popularização da ciência.

Ainda de acordo com Massarani & Moreira (2002), a partir dos anos 80, a divulgação científica ocupa espaço nas páginas dos jornais diários e são criadas seções específicas para ciência. Em 1982, é criada a revista *Ciência Hoje*, da SBPC, com o intuito de promover a aproximação da comunidade científica do público leigo. No embalo dessa publicação, surgem também revistas como *Galileu* e *Superinteressante*.

Nessa época, programas televisivos também passam a ocupar o cenário da divulgação. Contudo, nos últimos anos, mesmo com o aumento do número de pesquisas e crescimento do interesse da população pelos assuntos ligados às descobertas científicas, o espaço dedicado à divulgação é ainda insuficiente.

Massarani & Moreira (2002) afirmam que o Brasil ainda está longe de ter uma divulgação científica de qualidade e que atinja amplos setores da comunidade. Em pesquisa realizada em jornais da América Latina, por exemplo, foi constatado que as utilidades e benefícios são mais destacados na cobertura científica e que ciência e tecnologia possuem ainda um espaço limitado nos principais veículos impressos de comunicação do Brasil. (MASSARINI et al., 2009, p. 10)

Essa valorização ocorre porque é necessário conquistar o leitor e assuntos que demonstram a aplicabilidade e benefícios cumprem esse papel. Assim, pode-se indicar que as pesquisas nas áreas humanas acabam não sendo consideradas como relevantes e por isso perdem seu espaço em meio às outras pautas midiáticas. Contudo, é possível adquirir espaço nesses meios e há, mesmo que ainda insuficientes, notícias e reportagens que remetam a essa área. Uma delas, publicada na revista *Língua*, será analisada a seguir.

4. A atuação da divulgação científica na linguística

Para demonstrar como a divulgação científica pode ser realizada, foi selecionada a reportagem “O caipira da capital”, publicada, em março de 2011, na revista *Língua*. Durante a procura, já pode ser verificado o que Massarani (2009) apontou em seu estudo: realmente são escassos os textos de divulgação nas áreas humanas. Em portais, notícias em revistas e jornais pesquisados, são raras as notícias de DC no campo da linguística.

Entre as publicações que foram procuradas, encontramos a revista *Língua Portuguesa*, que tem o objetivo de “capturar a tenacidade do idioma português – e da fala brasileira em particular – no pleno vigor de sua existência (...) além de mostrar jornalisticamente que o idioma é um universo amplo, porém acessível” (PEREIRA JÚNIOR), como aponta o seu editor-chefe, Luiz Costa Pereira Júnior, no editorial de lançamento da revista.

A *Língua Portuguesa* é mensal, podendo ser adquirida por meio de assinaturas ou pelas bancas de jornais, sendo que o Ministério da Edu-

cação a distribui gratuitamente para a rede de ensino pública. A escolha pela revista pautou-se nessa possibilidade dos textos presentes nela serem acessíveis ao professor. Diante desse caráter pedagógico, pode ser considerado, por exemplo, que as reportagens precisem ter uma linguagem que ultrapasse os conhecimentos comuns à academia.

A reportagem selecionada, intitulada “O caipira da capital”, foi escrita pela jornalista colaboradora da *Língua Portuguesa*, Adriana Natali. Esse texto servirá de embasamento para demonstrar alguns dos elementos pertinentes à DC que podem ser notados na elaboração da reportagem.

Já pelo título pode ser percebida certa atratividade, se considerarmos que ele gera uma indagação, pois o caipira, normalmente, está associado ao meio rural e não à capital. Além do título, há o subtítulo que acaba sintetizando a informação expressa na reportagem, pois afirma: “Pesquisadores descobrem que traços do sotaque caipira nasceram na cidade grande, e não no interior” Assim, a jornalista já pontua o que foi descoberto na pesquisa e qual a conclusão que se chegou a partir dos estudos. Para conhecer o processo desse descobrimento indicado e saber mais detalhes, o interlocutor deverá ler o texto.

Como já foi apontado, segundo Vieira (1999), o texto de DC deve conquistar o leitor. Nota-se que, pelo título, a jornalista já busca isso, ao escolher uma frase que desperta a atenção. Mas além do título, é necessário que o primeiro parágrafo continue promovendo o interesse do leitor. Para isso, é recomendado que o texto inicie-se com uma frase de impacto, depoimento pessoal ou algo que se aproxime do cotidiano das pessoas.

A reportagem “O caipira da capital” começa da seguinte forma:

Para quem gosta do sertanejo da gema, sem o oportunismo melado do romântico industrial, a música “Rapaz Caipira”, que Renato Teixeira compôs em 1999, ainda representa um marco contra o estereótipo usado pelo mundo urbano para idealizar o homem e o jeito de falar do interior. (NATALI, 2011, p. 21)

Como pode ser percebido, apesar de não ter uma imagem impactante, o texto se inicia de maneira mais informal, com a jornalista dirigindo-se aos seus interlocutores e utilizando a expressão popular *sertanejo da gema*. Também é feita a contextualização do assunto, aproximando-se do leitor com a indicação da música “Rapaz Caipira”. Essa introdução da reportagem só falha por ser feita a partir de um período longo,

infligindo uma das recomendações a serem seguidas pelos textos de DC, que é, justamente, evitar frases longas, pois elas podem confundir o leitor.

Tendo em vista que é provável que nem todas as pessoas conhecem a canção citada no segundo parágrafo, é indicado o trecho da música: "Qui m'importa, qui m'importa. O seu preconceito qui m'importa." Após essa contextualização, necessária aos textos de DC, a jornalista introduz o assunto dizendo que o caipira cantado na música poderia se sentir descaracterizado se soubesse da descoberta evidenciada na reportagem, ou seja, que o r retroflexo veio da capital e não do interior, como a pesquisa do professor da Universidade de São Paulo, Manoel Mourivaldo Almeida, demonstra.

A partir de então, o texto abordará como foi a descoberta da pesquisa tendo como base as falas do pesquisador responsável pela mesma. Diante do fato de não ser viável apresentar toda a reportagem aqui – mas ela pode ser visualizada em anexo – serão indicados os elementos que estiveram presentes no texto, além desses ressaltados acima, e que possibilitam o esclarecimento das estratégias que devem ser utilizadas nos textos de DC para tornar a informação mais inteligível.

Essas estratégias analisadas terão como base Ciapuscio (1997), pesquisadora que se destaca na investigação de textos acadêmicos e de divulgação científica. Para essa autora, a divulgação da ciência implica em procedimentos de transformação, de reformulação da informação prévia. E os problemas para a concepção do novo texto se resolvem a partir da utilização de três estratégias gerais: expansão, redução e variação.

A expansão pode ser entendida como um procedimento em que serão incluídas, no texto reformulado, informações que não estão presentes no texto fonte, pelo fato deste se dirigir ao meio acadêmico. Na reportagem selecionada, é possível perceber a expansão quando se explica que “o r retroflexo é aquele que se pronuncia em fim de sílaba, como em ‘imporrrta’”. Assim, a explicação permite ao leitor continuar seu texto sem dúvidas. A expansão também pode ser verificada quando a jornalista fala sobre o rotacismo e explica que isso ocorre “quando no lugar do l se pronuncia um r, como em “pranta” (planta)”. Além dessas explicações, a estratégia de expansão é recorrente em todo o texto por meio de analogias, que servem para contextualizar a informação. A analogia é observada quando se aponta a música “Rapaz Caipira” e os personagens Chico Bento e Jeca Tatu. É percebida a expansão ainda no fim do texto com a exemplificação de que alguns ministros paulistas do STF em suas falas es-

ticadas, ao lerem pareceres, demonstram que escrevem em português, mas pensam em dialeto caipira, quando aderem a fala descansada e esticada pelas vogais.

A redução, por sua vez, trabalha com a supressão de dados que não são relevantes para o leitor, sendo desnecessário estarem presentes no texto divulgativo. Nesse sentido, no momento da divulgação científica será considerada a informação nuclear, isto é, o objetivo e aspecto central da pesquisa, os outros fatores, como: descrições, antecedentes e discussões devem ser suprimidos. No caso da reportagem, a informação central já é logo divulgada no subtítulo, como foi indicado anteriormente. Durante o texto, também se utiliza a redução para falar em poucas linhas sobre o “Projeto Caipira” que originou os estudos do pesquisador. Além disso, ao invés de citar toda a discussão teórica, a repórter já aponta os resultados da pesquisa que demonstram o fato do sotaque ter surgido da cultura de miscigenação colonial em núcleos familiares paulistas, compostos por portugueses, índios e seus filhos mamelucos, e que essa variedade foi se expandindo para o interior paulista e brasileiro, tendo como caminho as águas do Tietê, pela ação dos bandeirantes.

Já a variação, grosso modo, classifica-se como a transformação do vocabulário científico e técnico para o do cotidiano. Essa modificação do vocabulário para tornar a informação mais clara fica nítida na reportagem, quando a palavra “monçoeiros” é substituída por “exploradores”, pela jornalista; o r retroflexo torna-se “r arrastado” e as palavras “dialeto” e “variedade linguística” se transformam em “sotaque” e “jeito de falar do interior”.

Cada um destes procedimentos discursivos contribui de forma específica para a representação e a difusão da informação de caráter científico. Como aponta Ciapuscio (1997, p. 24), o objetivo de um pesquisador de informar, no sentido de convencer os leitores (a banca avaliadora) da validade do conhecimento, é transformado na DC no objetivo de informar sobre os resultados e demonstrar a importância destes. Para isso, são utilizados recursos como: jogo de palavras, metáfora, alusões e elementos do mundo cotidiano. Esses recursos podem ser notados, por exemplo, no título da reportagem com o jogo de palavras caipira e capital e nas explicações e contextualizações realizadas a partir da inserção de elementos do mundo cotidiano.

Além desses elementos, a reportagem traz outras características que se prezam na DC, como ilustrações e a presença de um *box*. Esse úl-

timo elemento é considerado por Vieira (1999) como um facilitador da compreensão do leitor, pois permite que uma informação que pode ser considerada mais complexa seja melhor contextualizada em um texto a parte. No caso da reportagem, foi separada em um *box* a explicação de como surgem os sotaques. Tal esclarecimento é necessário para o leitor, pois se estivesse no texto poderia tornar a leitura mais confusa.

Assim, é possível perceber pela reportagem que para possibilitar a aproximação entre esses dois universos discursivos distintos, o científico e o divulgativo, é preciso, como explicita Cataldi (2007), um comunicador que seja capaz de compreender, analisar e explicar o discurso das ciências e consiga destacar suas particularidades, selecionar e, por sua vez, transmitir aqueles conhecimentos que respondam às necessidades cognitivas e sociais do público em geral. Considerando os elementos observados na análise e que a linguagem utilizada na DC deve se adequar ao público para o qual a informação é dirigida, a reportagem da revista conseguiu realizar uma divulgação científica satisfatória, embora não pudesse ser dito o mesmo se essa informação fosse voltada para crianças ou para a população em geral.

5. *Considerações finais*

A DC pode contribuir para promover a aplicação das pesquisas em linguística, na medida em que, por meio da utilização de estratégias divulgativas, como as explicitadas nesse trabalho, é possível cumprir a tarefa de levar a informação científica para a sociedade.

Contudo, o próprio exemplo de DC demonstrado, aqui, possui defasagens, se considerarmos que a revista *Língua Portuguesa* chega a apenas certo tipo de público, como professores de língua portuguesa ou pessoas que se interessam pelo assunto. Todavia, esse público, a partir do acesso a informação, pode ser a ponte com a comunidade leiga, ao repassar o conhecimento obtido a seus alunos, familiares e amigos.

Mesmo com as limitações, é preciso tentar ao menos aderir a DC, começar a produzir textos resultantes das pesquisas realizadas, de maneira clara e divulgar para os veículos de comunicação. Se não houver retorno por parte da mídia, há ainda a possibilidade do pesquisador fazer a sua própria divulgação com palestras ou distribuição de textos informativos nas escolas ou locais onde as pesquisas foram realizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CATALDI, C. A divulgação da ciência na mídia impressa: Um enfoque discursivo. In: GOMES, M. C. A; MELO, M. S. de S; CATALDI, C. (Orgs.). *Gênero discursivo, mídia e identidade*, 2007, p. 156-163.

CIAPUSCIO, G. Linguística y divulgación de ciência. *Quark*, Barcelona: Observatorio de la Comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 19-28, 1997.

GOMES, I. M. O texto e o discurso na revista *Ciência e Hoje*. In: GOMES, M. C. A; MELO, M. S. de S; CATALDI, C. (Orgs.). *Gênero discursivo, mídia e identidade*, 2007, p. 156-163.

VIEIRA, C. L. *Manual de divulgação científica: dicas para cientistas e divulgadores de ciência*. Rio de Janeiro: Ciência Hoje/Faperj, 1999.

MASSARANI, L.; COL dal F.; BUYS, B.; ALMEIDA, C. A cobertura de ciência por jornais diários: em pauta a pesquisa nacional na Argentina, no Brasil e no México. *Razón y Palabra*, n. 65, p. 1-13, 2009.

_____; MOREIRA, I. C. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: ____; ____; BRITO, F. *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002, p. 43-64.

_____; _____. BRITO, F. *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

MELO, J. M. de. Impasses do jornalismo científico. *Comunicação e Sociedade*, n. 7, p. 19-24, 1982.

NATALI, A. O caipira da capital. *Língua Portuguesa*, Ano 5, n. 65, março 2011, p. 20-23. São Paulo: Segmento, 2011.

ORLANDI, E. P. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. Sobre a revista *Língua Portuguesa*. Disponível em: http://revistalingua.uol.com.br/sobre_revista.asp. Acesso em: 05 jun. 2011.

